

## Subjetivação do corpo: entre devoração e abandono

Manoel Madeira<sup>I</sup>

Priscila Pereira Robert<sup>II</sup>

Daniel Kupermann<sup>III</sup>

---

Subjetivação do corpo: entre devoração e abandono

### RESUMO

O artigo propõe situar dialeticamente as representações de devoração e de abandono, articulando-as à distância entre sujeito e Outro. O texto relaciona a simbolização dessas representações à tessitura fantasmática da *Hilflosigkeit*, conceito freudiano que convoca a pensar as consequências da inermidade original do corpo do bebê. Assim, neurose e psicose são pensadas a partir da distância oriunda da subjetivação da devoração e do abandono – a psicose deflagrando dificuldades extremas da costura dessa distância. Articulamos, por fim, os entraves dessa operação ao dilaceramento corporal, exposto no desencadeamento psicótico, em que o corpo é confrontado à sua *Hilflosigkeit* original.

**Palavras-chave:** Devoração; Abandono; Corpo; *Hilflosigkeit*; Nome-do-pai.

---

Subjectivation of the Body: Between Devouringness and Abandonment

### ABSTRACT

The purpose of this article is to place, dialectically, the representations of devouringness and abandonment, articulating them with the gap between the subject and the other. The article links the symbolization of both representations to the fantasy setting of *Hilflosigkeit*, a Freudian concept that calls to think upon the consequences of the original helplessness of the infant's body. Thus, we may consider neurosis and psychosis as products of the distance between the subjectivity of devouringness and abandonment – i.e., psychosis triggering the extreme difficulties of bridging that gap. Finally, we link the obstacles of this operation to body tear, a phenomenon displayed during psychotic episodes, in which the body confronts its original helplessness.

**Keywords:** Devouringness; Abandonment; Body; *Hilflosigkeit*; Name-of-the father.

## **Subjetivación del cuerpo: entre la avidez y el abandono**

### **RESUMEN**

El artículo se propone situar dialécticamente las representaciones de la avidez y del abandono, articulándolas a la distancia entre sujeto y Otro. El texto relaciona la simbolización de esas representaciones a la fantasía de la tésitura de *Hilfflosigkeit*, concepto freudiano que convoca a pensar en las consecuencias de la inermidade original del cuerpo del bebé. Por lo tanto, pensamos la neurosis y la psicosis partiendo de la distancia procedente de la subjetivación de la avidez y del abandono, mientras que la psicosis activa dificultades extremas en la articulación de esta distancia. Por último, hemos articulado los obstáculos de esa operación al desgarrar del cuerpo, expuesto en el desencadenamiento de la psicosis en que el cuerpo es confrontado con su *Hilfflosigkeit* original.

**Palabras clave:** Avidez; Abandono; Cuerpo; *Hilfflosigkeit*; Nombre del Padre.

---

### **Abertura – a boa distância**

No preâmbulo de **A origem dos modos à mesa**, terceiro volume de suas **Mitologias**, Lévi-Strauss (2006) escolhe um “mito de referência tukuna” (p. 11), em que observa uma cena que lhe prende particularmente a atenção:

Trata-se da viagem de canoa, cujo sentido os mitos guianenses ajudam a extrair, ao especificarem que os passageiros são, na verdade, o sol e a lua, respectivamente, no papel de timoneiro e remador, o que os obriga a se manterem próximos (na mesma embarcação) e ao mesmo tempo afastados (um na frente, o outro atrás) – a **boa distância**, portanto, como devem ficar os dois corpos celestes, para garantir a alternância regular entre o dia e a noite (Lévi-Strauss, 2006, p. 12).

Ao longo do texto, Lévi-Strauss desenvolverá a hipótese de que a **boa distância** (“*bonne distance*”) entre os personagens mitológicos que viajam na mesma canoa está diretamente associada à sucessão dos dias e das noites: tempo, espaço e corpo se articulariam, assim, intimamente. A leitura que aqui propomos é que a boa distância **simbólica** entre os personagens da trama mítica se entrelaça à integridade real de seus corpos. Isso é observado em grande quantidade de mitos em que um entrave à boa distância entre os personagens implica o desmembramento do corpo de algum deles: como no mito em que a mãe decapita a filha e atira seu corpo no rio, porque esta relutava em, depois de adulta, deixar o lar parental (ver Lévi-Strauss, 2006, p. 78). Por fim, no mito de referência tukuna, é exatamente a notória proximidade simbólica entre mãe e herói que acarreta o dilaceramento do corpo de suas pretendentes (ver também Madeira, 2015).

A possibilidade de um espaço entre o sujeito e o Outro, condição para constituição do registro simbólico, remete a importantes questões da clínica psicanalítica. As discussões sobre a clínica da neurose e da psicose, bem como os impasses de manejo nos casos limite, convidam o campo psicanalítico a articulações teóricas que, para além dos dogmatismos, possam permitir o diálogo entre suas teorias a partir do solo clínico. Assim, partindo de um referencial lacaniano, mas empregando outrossim leituras de Winnicott, propomos pensar a **distância** entre o sujeito e o Outro a partir das representações de **devoração** e **abandono**. A angústia de devoração adviria de

uma condição de proximidade extrema, e a de abandono, de uma distância extrema. As buscas para conferir consistência fantasmática a tais representações, operadas, entre outros meios, pelo brincar, engendrariam a tessitura da subjetivação da distância do sujeito ao Outro. Relacionamos a possibilidade de brincar à simbolização da *Hilfflosigkeit* original, a qual articulamos tanto à experiência de devoração quanto à de abandono. Essas operações de simbolização se enlaçariam intimamente à subjetivação do corpo da criança.

### A devoração em Lacan e o abandono em Winnicott

A noção lacaniana de grande Outro supõe uma primeira e fundamental alienação que assujeita o bebê aos significantes que lhe são endereçados. A alienação, segundo comentário de Jacques Alain-Miller em seminário de Lacan, implica a concepção de que "o sujeito recebeu a definição de ser nascido na, constituído por, e ordenado a um campo que lhe é exterior" (Lacan, 1990, p. 204). O sujeito, desse modo, só se constituirá a partir de imersão no campo do Outro para dele extrair sua singularidade. Se, para Lacan, "a definição de significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa um sujeito a outro significante" (Lacan, 1998d, p. 833), a definição de **sujeito** lhe será imperativamente entrelaçada. Ressaltamos que "o que o inconsciente mostra é que a estrutura do significante está presente [*est déjà là*] antes que o sujeito tome a palavra"<sup>1</sup> (Lacan, 1986a, p. 169, tradução nossa). É dessa forma que Lacan propõe que o "homem [...] é efetivamente apanhado, como um todo, só que à maneira de um peão, no jogo do significante [*jeu du signifiant*]" (1998b, p. 471); destaca-se que *jeu*, em francês, significa, ao mesmo tempo, jogo e brincadeira. O sujeito, em Lacan, será, enfim, "o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta" (Lacan, 1998e, p. 849).

O sujeito é, a princípio, aquele que se origina, se reconhece, se referencia ao Outro. É justamente no tecer dessa articulação entre o sujeito e o Outro, tesouro dos significantes, que Lacan situa o **nome-do-pai**. Desde seus primeiros seminários, Lacan proporá que a fusão entre mãe e *infans* implicaria a preexistência de um terceiro termo, **a falta**, e a suposição de um objeto passível de preenchê-la, **o falo**. Ou seja, passível de saciar o desejo do Outro. O nome-do-pai viria precisamente, do campo do Outro, operar a representação do falo como uma ausência. É este "significante mestre do discurso psicanalítico [...] que é capaz de dar um sentido ao desejo da mãe"<sup>2</sup> (Lacan, 2007, pp. 172-173, tradução nossa), de modo que o sujeito lhe será cativo e que seu próprio desejo se costura ao desejo do Outro – "seu desejo é desejo do desejo da mãe" (Lacan, 1999, p. 188).

Podemos perceber nesse preâmbulo como Lacan, para pensar o nome-do-pai, parte do princípio de que a condição materna implica ávido desejo. É como se preexistisse no Outro certa predominância fantasmática de **devoração**, que é indissociável da formalização do conceito de falo. Desse modo, Lacan (1999) afirma que "a mãe é uma mulher que supomos haver chegado à plenitude de suas capacidades de **voracidade feminina**. [...] Se a mãe é assim, o falo não [...] é pura e simplesmente esse belo objeto imaginário, pois já faz algum tempo que ela o engoliu" (p. 213, grifos nossos). Vale lembrar que, para Lacan (2003), "a criança **realiza** a presença [...] do objeto *a* na fantasia. Ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade da falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial:

<sup>1</sup> N. A. No original: "Ce que l'inconscient montre en effet, c'est que cette structure du signifiant est déjà là avant que le sujet prenne la parole".

<sup>2</sup> N. A. No original: "le signifiant maître du discours analytique [...] que signifiant capable de donner un sens au désir de la mère".

neurótica, perversa ou psicótica” (p. 369, grifo do autor). Ora, acreditamos que tal pressuposição lacaniana da relação da mãe à voracidade seja precipitada. O que observamos em nossas práticas clínicas é que as dificuldades de investir afetivamente a criança – o que implica abandono real – são tão ou mais recorrentes que a devoração do desejo do parental.

Assim, para pensar os entraves à estruturação fantasmática da boa distância por parte da criança, partimos das reiteradas incidências clínicas de abandono e devoração, que são, outrossim, facilmente perceptíveis no discurso dos pais. Desse modo, se o brincar da criança vai frequentemente colocar em tensão essas duas representações, não se deve perder de vista que “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 2003, p. 369). Isso significa que o brincar se inscreve invariavelmente na malha simbólica (do Outro) que o precede, e, nessa teia, as representações de devoração e abandono são essenciais. Acrescentamos, assim, à voracidade possivelmente excessiva pretendida por Lacan a possibilidade de não retorno do outro que Winnicott situa a partir de sua peculiar leitura do **Estádio do espelho** – ambas, experiências extremas.

Muitos bebês têm uma **longa experiência** de não receber de volta o que estão dando. Eles olham e não se veem a si mesmos. Um bebê tratado assim crescerá sentindo dificuldades em relação a espelhos e sobre o que o espelho tem a oferecer. Se o rosto da mãe não reage, então o espelho constitui algo a ser olhado, não a ser examinado (Winnicott, 1975, pp. 154-155, grifos nossos).

A articulação winnicottiana sobre o papel de espelho do rosto da mãe se torna compreensível a partir da ideia de **devoção materna**, que se relaciona à possibilidade de a mãe oferecer os cuidados necessários para o bebê nos momentos mais precoces do desenvolvimento. Isso implica a capacidade da mãe de se identificar com o seu bebê, de realizar uma “adaptação sensível e ativa às necessidades de sua criança – necessidades que, no início, são absolutas” (Winnicott, 2000a, p. 306). Pois, para Winnicott (2000a), o desenvolvimento emocional não ocorre a não ser “no interior de um ambiente emocional emocionalmente bom” (p. 305). A adaptação da mãe envolve o segurar, o manejar, a apresentação de objetos, em momento inicial de dependência absoluta do bebê, quando eu e outro não são diferenciáveis.

A sensação de existir e sentir-se real se constrói a partir da experiência primitiva de mutualidade – que mãe e bebê vivam juntos uma experiência (Winnicott, 1994) – e do *holding* oferecido pela mãe (Winnicott, 1990). É preciso que a mãe acolha o gesto espontâneo do bebê e que reflita em seu olhar o olhar do bebê. Caso contrário, a sensação de ser real e habitar o próprio corpo não chega a se constituir. Uma mãe que se faça excessivamente presente, para a qual não seja possível refletir o rosto do bebê, mas que mantenha apenas o seu próprio olhar enrijecido, na medida em que não pode se oferecer como suporte para o olhar do outro, deixa de prover uma necessidade básica da criança. Assim, se Lacan enfatiza a possibilidade do excesso do desejo materno, Winnicott, por sua vez, enfatizará a necessidade de a mãe se oferecer como presença sensível, sem a qual o abandono traumático traz importantes consequências para a constituição do campo da fantasia.

Com base nessa experiência inicial de mutualidade, inicia-se o uso de um espaço psíquico híbrido que separa ao mesmo tempo que une a mãe ao bebê, o **espaço transicional**: “área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido” (Winnicott, 1975, p. 15). O conceito de espaço transicional evoca necessariamente a noção de ilusão: a mãe, por sua capacidade quase completa de adaptação, proporciona a ilusão de que o seio, ou seu correspondente, é uma criação sua. O bebê tem a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente a sua capacidade de criar: “uma sobreposição entre o que a mãe supre e o bebê poderia conceber” (Winnicott, 1975, p. 27). O surgimento do objeto transicional corresponde

à primeira possessão não-eu, embora o que o caracterize seja justamente o paradoxo: não cabe o questionamento sobre sua existência ou não na realidade.

A ilusão, porém, proporcionada pelos objetos e fenômenos transicionais precisa, gradativamente, ser substituída pela experiência de desilusão. Winnicott (2000b) sublinha que “a mais importante tarefa da mãe (depois de proporcionar a possibilidade de ilusão) é a tarefa de desiludir” (p. 329). Tal desilusão pressupõe a criação desse espaço potencial, situado nesse “fora, dentro, na fronteira” (Winnicott, 1975, p. 14). A possibilidade de encontrar conforto nesse espaço intermediário implica um primeiro exercício de “ab-rogação da onipotência” (Winnicott, 1975, p. 18), o primeiro passo para que, dali em diante, objetos “diferentes de mim” (Winnicott, 1975, p. 16) possam ser percebidos.

A alternância entre presença e ausência materna, não apenas em termos temporais, mas também em termos da qualidade da presença, dará, gradativamente, à criança a possibilidade de operar a separação, em processo que tira, a partir do outro, a criança de sua ilusão de controle onipotente. Mais ainda, a possibilidade de perceber um objeto como externo, “por seu próprio direito” (Winnicott, 1975, p. 125), dependerá não apenas da falta materna, mas de sua capacidade de sobrevivência (e não retaliação) aos ataques destrutivos do bebê. A destrutividade, aqui, já não é reativa ao encontro com o princípio de realidade. A destruição seguida da sobrevivência do objeto será operativa no corte entre o campo da fantasia (em que os objetos estarão sempre sendo destruídos) e a realidade. Os fenômenos transicionais, portanto, simbolizam a união entre a mãe e o bebê, ao mesmo tempo em que inauguram a separação (Winnicott, 1975).

### A *Hilflosigkeit* entre o abandono e a devoração

Como se dá a relação com o Outro na psicose? É também para pensá-la que empregamos a metáfora de Lévi-Strauss em que os dois homens que compartilham o oco da mesma canoa devem manter distância. Avançamos, desde já, nossa hipótese: a psicose revela importantes dificuldades da tessitura da boa distância, seja pela desmedida da proximidade ou do afastamento. Destacaremos, ao fim, que não se quer aqui alertar para uma vaga *Hybris* trágica, pela qual o psicanalista viria apontar o excesso, a demasiada falta, o desequilíbrio. A constituição fantasmática das representações de devoração e abandono deve-se diferenciar da angústia de ser devorado ou abandonado. Angústia que, perseverando, pode justamente impedir tal fantasmatização.

Em **Inibição, sintoma e angústia**<sup>3</sup>, Freud (1926/2006b) trabalha a noção de *Hilflosigkeit*, que ele situa como embrião da angústia e do desenvolvimento psíquico. Em passagem conhecida, Freud aponta a *Hilflosigkeit* como um dos três fatores das neuroses: “o fator biológico da neurose é a *Hilflosigkeit*, a dependência longamente prolongada da criança humana”<sup>4</sup> (Freud, 1926/2006b, p. 269, tradução nossa). Ele afirma, outrossim, que

o perigo da *Hilflosigkeit* psíquica corresponde à época de imaturidade do **eu**, como o perigo de perda do objeto face à **ausência de autonomia** dos primeiros anos da infância, ao perigo de castração na fase fálica, e à angústia do supereu no período de latência<sup>5</sup> (Freud, 1926/2006b, p. 257, tradução nossa, grissos nossos).

<sup>3</sup> N. A. No original: “Inhibition, symptôme et angoisse”.

<sup>4</sup> N. A. No original: “Le facteur biologique est l’état de désaide [*Hilflosigkeit*] et de dépendance longuement prolongé du petit enfant de l’homme”.

<sup>5</sup> N. A. No original: “Le danger du désaide psychique [*Hilflosigkeit*] correspond dans la vie à l’époque de l’immaturité du moi, comme le danger de la perte de l’objet à l’absence d’autonomie des premières années d’enfance, le danger de castration à la phase phallique, l’angoisse de sur-moi à la période de latence”.

Vemos, portanto, que, no que concerne à primeira infância, o estatuto da *Hilflosigkeit* em Freud parece priorizar certa ausência do Outro. Essa nuance foi preponderante nas traduções do termo: **desamparo**, em português, e **état de désaide**, em francês, o que indica a falta de ajuda, de auxílio do Outro.

Por outro lado, Freud, no mesmo texto, retoma as representações de devoração, que têm destacada função na infância de seus casos clínicos. Ressaltamos que, em suas cinco análises clínicas fundamentais, sempre que Freud trata da infância de seus pacientes, as representações de devoração surgem de maneira evidente. Se a devoração é um dos temas centrais no **Pequeno Hans** (Freud, 1909/1976a) e no **Homem dos Lobos** (Freud, 1918/1976b), ela não deixa de figurar entrelaçada à identificação eletiva no **Homem dos Ratos** (Freud, 1909/1976a), que, quando criança, justamente por “morder pessoas [...] podia ver no rato uma imagem viva de si mesmo” (1909/1976a, p. 218). Freud (1926/2006b) indica, portanto, que “a representação de ser devorado pelo pai é um bem de infância, típico e imemorial”<sup>6</sup> (p. 222, tradução nossa). Ele a articula à subjetivação da sexualidade, pois “a experiência analítica [...] nos ensina que a representação de ser devorado pelo pai é a expressão, rebaixada pela regressão, de um impulso passivo terno, que deseja o amor do pai, como objeto, no sentido erótico genital”<sup>7</sup> (Freud, 1926/2006b, p. 223, tradução nossa). Ou seja, Freud retoma aqui, pela representação da devoração paterna, a agressividade do pai à constituição fantasmática da passividade no ato sexual anteriormente imbricada em **Uma criança é espancada** (Freud, 1919/1976c). Em suma, partindo de Freud, poderíamos propor a **devoração** como, de algum modo, oposta à *Hilflosigkeit*, justamente pelo estatuto que ele confere ao Outro. Porém, Lacan virá complexificar tal (suposta) oposição.

De pronto, ressaltamos que **uma** das traduções que Lacan propõe à *Hilflosigkeit*, notadamente no seminário da **Ética**, é “*détresse*” (Lacan, 1986b, p. 351), significativamente diferente de “*état de désaide*”, das obras completas em francês. Enquanto a edição brasileira do seminário traduz “*détresse*” por “*desolação*” (Lacan, 1986c, p. 364), o *Centre national de ressources textuelles et lexicales* (CNRTL - <http://www.cnrtl.fr>) define o vocábulo como “*angoisse, grande peine d’esprit de cœur, causée par la pression excessive des difficultés, de circonstances douloureuses e dramatiques*” – “angústia, grande sofrimento mental e afetivo, causado pela pressão excessiva das dificuldades, de circunstâncias dolorosas e traumáticas” (tradução nossa). Os sinônimos de “*détresse*”, segundo o CNRTL, seriam pois “*aflição, miséria, infelicidade, dor*”<sup>8</sup> (tradução nossa). Incluímos tal precisão para ilustrar que a tradução lacaniana de *Hilflosigkeit* não retoma, necessariamente, a mesma acepção de falta, abandono do Outro, que se delineia em Freud. De fato, tal denotação de *Hilflosigkeit* parece ir ao encontro do que Lacan havia proposto anteriormente, sobretudo no que concerne à angústia de devoração experienciada pela criança.

Ao longo do seminário **A relação de objeto**, Lacan (1995) propõe que a fobia em Hans emerge em referência ao perigo de a criança ser devorada pelo desejo da mãe. A operação do nome-do-pai como castradora da mãe não se mostra aqui foracluída, mas insuficiente. Vejamos, pois, a leitura exposta por Lacan (2010) no seminário **Le désir et son interprétation**, essencial a nossas formulações:

A *Hilflosigkeit* de Freud [...] é o “sem recurso”. [...] Sem recurso face ao desejo do Outro. É essa relação do desejo, naquilo que ele tem de se situar face ao desejo do Outro, que literalmente **o aspira** e o deixa sem recursos, é nesse drama da relação do sujeito ao

<sup>6</sup> N. A. No original: “la représentation d’être dévoré par le père est un bien d’enfance, typique et immemorial”.

<sup>7</sup> N. A. No original: “Elle [L’expérience analytique] nous enseigne que la représentation d’être dévoré par le père est l’expression, rabaissée par régression, d’une motion passive tendre, qui désire qu’on soit aimé par le père, comme objet, au sens érotique genital”.

<sup>8</sup> N. A. No original: “*affliction, misère, malheur, douleur*”.

desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial, não somente da neurose, mas de toda estrutura analiticamente definida<sup>9</sup> (p. 452, tradução e grifos nossos).

É este o “momento fecundo da neurose”<sup>10</sup> (Lacan, 2010, p. 452, tradução nossa) do pequeno Hans, segundo Lacan. O medo do objeto fóbico entra em jogo para suprir a incapacidade da função paterna de proteger o sujeito face à voracidade do desejo do Outro. “Proteger o sujeito”, diz Lacan (2010), “do seu desejo, enquanto ele está desarmado em relação ao que no Outro, a mãe, no caso, se abre frente a Hans como signo de uma **dependência absoluta**”<sup>11</sup> (pp. 452-453, tradução nossa, grifos nossos). Ou seja, a virada que acreditamos perceber em Lacan é que, enquanto em Freud o “sem recurso” da *Hilflosigkeit* estaria prioritariamente atrelado à angústia face ao abandono do Outro, em Lacan ele o está face à sua possível devoração.

No seminário **A angústia**, Lacan (2004) partirá da passagem supracitada sobre a *Hilflosigkeit*, em **Inibição, sintoma e angústia**, para sustentar que Freud “dá a entender que a angústia é a reação-sinal à perda do objeto”<sup>12</sup> (p. 66, tradução nossa): perda da mãe, a castração, perda do amor do supereu. Lacan (2004) então propõe que “a angústia não é o sinal da falta, mas de alguma coisa que deve-se conceber em um nível duplicado [*redoublé*], de ser o defeito do apoio que dá a falta”<sup>13</sup> (p. 67, tradução nossa). Nota-se que, logo em seguida, ele aborda “o início da fobia”<sup>14</sup> (p. 67, tradução nossa) do pequeno Hans e afirma que

o que provoca a angústia [...] não é o ritmo, nem a alternância da presença-ausência da mãe. A prova é que a criança se apraz em renovar o brincar de presença-ausência. A possibilidade da ausência é a segurança da presença. O que há de mais angustiante para a criança é justamente quando a relação sobre a qual se institui, a falta que faz o desejo, é perturbada. A criança é ainda mais perturbada **quando não há possibilidade de falta**, quando a mãe está todo o tempo às suas costas<sup>15</sup> (Lacan, 2004, p. 67, tradução e grifos nossos).

Assim, a angústia, aqui conceituada por Lacan (2004) prioritariamente como falta da falta (ver pp. 52-53), nos parece tributária da **pressuposição da devoração**.

Nossa hipótese é que a **experiência** de *Hilflosigkeit*, de “perigo extremo”<sup>16</sup> (Lacan, 2004, p. 75), segundo uma das definições de Lacan, interpela o sujeito a fazer operar tanto os significantes da devoração quanto os de abandono. Assim, a tessitura fantasmática da devoração e do abandono se articularia intimamente à fantasmatização da própria *Hilflosigkeit*.

Por outro lado, a leitura winnicottiana sobre a *Hilflosigkeit* e a psicose não se articula a partir do campo do desejo, mas a partir do campo da necessidade de que a mãe

<sup>9</sup> N. A. No original: “La *Hilflosigkeit* de Freud, le “sans recours”. Le “sans recours” devant quoi? Devant le désir de l’Autre. C’est ce rapport du désir du sujet, pour autant qu’il a à se situer devant le désir de l’Autre, qui littéralement l’aspire et le laisse sans recours, c’est dans ce drame de la relation du désir du sujet au désir de l’Autre que se constitue une structure essentielle, non seulement de la névrose, mais de toute autre structure analytiquement définie”.

<sup>10</sup> N. A. No original: “C’est le moment fécond de la névrose”.

<sup>11</sup> N. A. No original: “protéger le sujet [...] de son désir en tant qu’il est sans armes par rapport à ce qui, dans l’Autre, la mère en l’occasion, s’ouvre pour Hans comme le signe de sa dépendance absolue”.

<sup>12</sup> N. A. No original: “a l’air de nous dire, que l’angoisse est la réaction-signal à la perte d’un objet”.

<sup>13</sup> N. A. No original: “L’angoisse n’est pas le signal d’un manque, mais de quelque chose qu’il faut concevoir à un niveau redoublé, d’être le défaut de l’appui que donne le manque”.

<sup>14</sup> N. A. No original: “début de la phobie”.

<sup>15</sup> N. A. No original: “Ce qui provoque l’angoisse [...] Ce n’est pas le rythme ni l’alternance de la présence-absence de la mère. La preuve en est que ce jeu présence-absence, l’enfant la complait à le renouveler. La possibilité de l’absence, c’est ça, la sécurité de la présence. Ce qu’il y a de plus angoissant pour l’enfant, c’est justement quand le rapport sur lequel il s’institue, du manque qui fait le désir, est perturbé, et il est de plus perturbé quand il n’y pas de possibilité de manque, quand la mère est tout le temps sur son dos”.

<sup>16</sup> N. A. No original: “danger insurmontable”.

forneça o amparo que lhe falta e ofereça os cuidados para que o bebê possa vir a ser. É pela impossibilidade de ser que se articula a leitura winnicottiana da psicose: a experiência de aniquilamento do ser é mais arcaica que a ansiedade de castração e relativa à falha ambiental em momento muito precoce do desenvolvimento (Winnicott, 1983a).

Winnicott entende por *holding* uma ampliação abrangente da palavra “sustentação” e engloba tudo o que uma mãe faz no cuidado físico de seu bebê, “inclusive largá-lo quando chega o momento para a experiência impessoal de ser sustentado por materiais não humanos adequados” (Winnicott, 1994, p. 201). Importante destacar que não é possível equivaler o *holding* ao desejo materno; o *holding* pode não ser realizado, em algumas ocasiões, por razões circunstanciais (um braço quebrado, por exemplo) (Winnicott, 2005c, p. 121). Mas se o *holding* pode ser oferecido e se há a possibilidade de identificação da mãe com seu bebê, são criadas as condições que, paradoxalmente, levam à integração do eu, o que permite que o bebê chegue a “uma categoria unitária, ao pronome pessoal eu” (Winnicott, 2005d, p. 11).

Assim, paulatinamente as intensidades pulsionais se atrelam à experiência do ser. Os processos excitados, relativos ao campo pulsional, podem ocorrer com um fundo de tranquilidade e suporte, com um continente. A integração psicossomática decorrente desse processo é uma aquisição gradual, que precisa seguir seu curso em ritmo próprio, a partir das necessidades do bebê (Winnicott, 1990, p. 47). A especificidade da leitura de Winnicott é a descrição de um campo no qual o pulsional é secundário em relação às necessidades do eu:

A palavra ‘necessidade’ tem importância aqui tal como ‘pulsão’ tem na área da satisfação do instinto. A palavra ‘desejo’ estaria fora de lugar, por pertencer a uma sofisticação que não se pode presumir no estado de imaturidade que está em questão (Winnicott, 1994, p. 199, n. 7).

Se o *holding* inicial não pode ser oferecido, a consequência é a experiência de aniquilamento do ser. Em linhas gerais, é possível afirmar que a experiência clínica de Winnicott com pacientes psicóticos e *borderlines* e sua ampla experiência em pediatria permitem a divisão teórica das experiências precoces dos bebês em duas amplas categorias. Na primeira categoria estão aqueles bebês que foram bem cuidados na primeira infância, com ambiente se adaptando às suas necessidades e caminhando gradativamente no sentido da desilusão e da independência. Há uma plasticidade mental que perpassa a clínica desses pacientes: “Estes bebês têm uma linha de vida e mantêm uma capacidade de se deslocarem para frente e para trás (desenvolvimentalmente) e se tornarem capazes de correrem riscos, por se acharem bem garantidos” (Winnicott, 1994, p. 201). Na segunda categoria, muito próxima às discussões ferencianas sobre crianças que foram “hóspedes não bem-vindos” (Ferenczi, 1929/2011, p. 59), estão os bebês que sofreram fracassos ou um padrão de fracassos ambientais relativos à relação primária com a mãe e que sofrem de ansiedades impensáveis ou arcaicas, estados de confusão aguda ou a agonia da desintegração: “Sabem o que é ser deixado cair, cair eternamente, ou cindir-se em desunião psicossomática” (Winnicott, 1994, p. 201).

Nesse sentido, ainda que em Freud a articulação ao campo pulsional seja evidente, talvez seja possível afirmar que a leitura de Winnicott se aproxima do “sem recurso” da *Hilflosigkeit* tal como apresentada em Freud, prioritariamente atrelado à angústia face ao abandono, mas sem que, no entanto, seja constitutiva, mas relacionada ao suporte ou não oferecido pelo ambiente nos momentos iniciais. Tanto a mãe que não se adapta quanto aquela que falha em se desadaptar deixa a criança vulnerável a angústias impensáveis, que podem levar à clivagem e à experiência de desintegração (Winnicott, 2005b). Como consequência, há o colapso da possibilidade de elaboração das funções corporais, do espaço **entre** eu e outro e a constituição do simbolismo que “está no fosso entre o objeto subjetivo e o objeto que é percebido objetivamente” (Winnicott, 1983b, p. 148).



Isso porque Winnicott enfatiza também a atividade do bebê, à qual a mãe precisa se adaptar. Sua ênfase é menos a mãe devoradora, e mais a possibilidade de a mãe se permitir ser devorada pelo bebê. Para tratar desse amor impiedoso do bebê (Winnicott, 1939/2005a), Winnicott tece didaticamente uma distinção entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto:

A mãe-objeto tem que sobreviver aos episódios guiados pelo instinto, que adquiriram agora toda a força de fantasias de sadismo oral [...]. À mãe-ambiente cabe, por outro lado, uma função especial, que é continuar sendo ela mesmo, continuar empática em relação ao seu bebê e **presente** para receber o gesto espontâneo dele e para ser agradada (Winnicott, 2005b, p. 115, grifo nosso).

### Pequeno Hans: corpo e nome-do-pai

Retomemos o seminário **A relação de objeto** e a análise que nele Lacan (1995) elabora do caso **Pequeno Hans**. Lacan (1995) afirma que, no desencadeamento dos sintomas fóbicos, a criança se vê “aprisionada em sua própria armadilha” (p. 232), atrelada à relação prioritariamente imaginária com a mãe. Ela “é então colocada diante dessa abertura de ser o cativo, a vítima, o elemento apassivado de um jogo onde vira presa das significações do Outro; [...] É precisamente neste ponto que se origina a paranoia” (p. 232). A fobia, para Lacan (1995), surge quando a insuficiência do “pênis real” (p. 232) da criança se deflagra. A consequência é

a regressão [que] se produz no momento em que não mais basta dar o que ela tem a dar, em que ela se vê no desamparo de não mais bastar. Produz-se o mesmo curto-circuito com que se satisfaz a frustração primitiva, e que conduz a criança a apoderar-se do seio para encerrar todos os problemas, isto é, a hiância que se abre diante dela, a de ser **devorada** pela mãe (Lacan, 1995, p. 233, grifo nosso).

Assim, continua Lacan (1995) mais abaixo, “mesmo que seja qualquer cavalo o objeto de sua fobia, é sempre de um cavalo que morde que se trata. O tema da **devoração** é sempre encontrável, por qualquer lado, na estrutura da fobia” (p. 233, grifo nosso). O objeto fóbico, como já indicado, intervirá como suplência à função paterna – um “*appoint*”, adição, contribuição, como define Soler (2008, p. 18). Assim, “não é outra coisa que motiva, na construção de **Totem e tabu**, a analogia entre o pai e o totem. Estes objetos têm, com efeito, uma função bem especial, que é suprir o significante do pai simbólico” (Lacan, 1995, p. 234). A pressuposição da mãe devoradora nos parece atravessar a obra de Lacan, como evidencia a famosa ilustração da mãe-crocodilo: “O papel da mãe é o desejo da mãe. [...] Um grande crocodilo na boca da qual vocês estão – é isso, a mãe”<sup>17</sup> (Lacan, 1991, p. 129, tradução nossa). Se o falo é o “bastão de pedra”<sup>18</sup> (Lacan, 1991, p. 129, tradução nossa) que impede que a bocarra se feche, o nome-do-pai é o significante que vem lhe atribuir sentido e inaugurar a alteridade. Ele não apenas barra a angústia de devoração, como também permite à criança a costura de um tecido fantasmático em que ela representa a assunção da própria voracidade.

Nunca é demais lembrar que a simbolização do pai da horda primitiva implica sua morte (abandono) e a devoração de seu corpo para que dela advenha a identificação: é no “ato de consumi-lo” que os irmãos alcançam a “identificação com o pai, cada um se apropriando de uma parte de sua força”<sup>19</sup> (Freud, 1912/2009, p. 361,

<sup>17</sup> N. A. No original: “Le rôle de la mère, c’est le désir de la mère. Un grand crocodile dans la bouche duquel vous êtes – c’est ça la mère”.

<sup>18</sup> N. A. No original: “rouleau en pierre”.

<sup>19</sup> N. A. No original: “dans l’acte de consommer, à l’identification avec lui, tout un chacun s’appropriant d’une partie de sa force”.

tradução nossa). A refeição totêmica implica a crença de que os corpos que devoram serão compostos da mesma matéria daquele que é devorado. Assim, em 1933, Freud (1933/2004), dirá que a identificação se tece face “à perda do objeto”<sup>20</sup> no Complexo de Édipo (p. 147, tradução nossa), ao mesmo tempo em que afirma: “nós comparamos, não sem pertinência, a identificação com a incorporação oral, canibal, da pessoa estrangeira”<sup>21</sup> (p. 146, tradução nossa).

É fazendo valer o nome-do-pai que Hans opera a travessia da fobia, representando a angústia de devoração, que é, nos diálogos com seu pai, constantemente emaranhada às simbologias da castração. O caso Hans desvenda um longo discurso sobre o corpo, notadamente sobre sua **fragilidade**. A *Hilflosigkeit*, em Freud, é justamente oriunda da inermidade original humana – a criança a assume, ao mesmo tempo em que a recalca. De modo que, no estádio do espelho, se a criança “se identifica primordialmente com a *Gestalt* visual de seu próprio corpo”, tal operação é “valorizada por todo o desamparo original” (Lacan, 1948/1998a, p. 116) que ela é levada a recalcar.

O que Lacan situa como elemento preponderante no desencadeamento é a insuficiência do corpo (real) de Hans na sustentação de seu desejo – e é no mito do encanador que vem desaparafusar o pênis e sustentar uma promessa de potência ao menino que ele indica a transformação que soluciona os sintomas fóbicos. É nessa “transformação” que Hans irá “desaparafusar a mãe, desmontá-la, [...] fazer com que ela entre também no conjunto do sistema e pela primeira vez como elemento móvel” (Lacan, 1995, p. 417). A angústia de devoração é assim apaziguada a partir de um mito que interdita a mãe enquanto objeto, postergando seu gozo. Ou seja, estabelece uma **distância**.

O nome-do-pai é o significante que intercederá estabelecendo a (boa) distância entre sujeito e Outro – o sentido de suas presenças e ausências. Se, como afirma Alain Vanier, é nessa tessitura que “o sujeito é tomado em uma tensão entre a ameaça de ser puro objeto para o desejo do Outro e a perda desse objeto fálico que ele é para o Outro”<sup>22</sup> (Vanier, 2009, p. 43, tradução nossa), o nome-do-pai subjetivará tanto o lugar do sujeito em relação ao desejo do Outro quanto o corte que o singulariza. Assim, posto que as representações de abandono e devoração, bem como suas tessituras fantasmáticas, são fundamentais na estruturação psíquica; posto que tais operações se articulam fundamentalmente à simbolização da *Hilflosigkeit*, oriunda da arcaica dependência do bebê; e posto que o nome-do-pai é o significante que vem no campo do Outro subjetivar essa distância, propomos doravante pensar parcas consequências da sua forclusão, “falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (Lacan, 1998c, p. 582).

### **Schreber: o despedaçamento do corpo**

Se o caso Hans trilha a travessia da fobia significando a castração, notadamente a partir da fragilidade corpórea constantemente posta em palavras, associações simbólicas, o desencadeamento psicótico irá frequentemente expor a falência da tessitura subjetiva do corpo. Os ditos transtornos da imagem do corpo são classicamente tidos como distintivos das psicoses na nosografia psiquiátrica. Freud (1915/2010b) nos ajuda a pensar a diferença da articulação entre imaginário, simbólico e real a partir do exemplo dos “olhos virados” (p. 141), no artigo **O inconsciente**. A esquizofrenia

---

<sup>20</sup> N. A. No original: “perte d’objet”.

<sup>21</sup> N. A. No original: “On a comparé, non sans pertinence, l’identification avec l’incorporation orale, cannibaliste, de la personne étrangère”.

<sup>22</sup> N. A. No original: “Le sujet en effet est pris dans une tension entre la menace d’être objet pour le désir de l’Autre, et la perte de cet objet phallique qu’il est pour l’Autre”.

seria caracterizada por uma “linguagem de órgão” (Freud, 1915/2010b, p. 141), em que o simbólico da linguagem fracassa, o imaginário se destece, e não há inscrição da representação no real do corpo.

Na vida de Schreber, a hipocondria é marca comum de seus três desencadeamentos. Do parecer do Dr. Weber, após sua segunda internação, Freud destaca a seguinte passagem:

Nos primeiros anos de sua doença, teria sofrido distúrbios em certos órgãos do corpo que facilmente teriam levado à morte qualquer outra pessoa: viveu muito tempo sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com esôfago dilacerado, sem bexiga, com costelas esfaceladas, algumas vezes teria engolido parte de sua laringe junto com a comida (Freud, 1911/2010a, p. 23).

O discurso de Schreber deflagra, pois, um corpo despedaçado, degradado, à imagem de um Outro putrefeito, inoperante em subjetivar a alteridade: “Eu sou um cadáver leproso e conduzo um cadáver leproso” (Schreber, 1903/1995, pp. 91-92), afirmava.

Ressaltamos que a representação de devoração está referida ao endereçamento do gozo – a diferenciar de sua angústia, em que o sujeito é presa do gozo do Outro. Se Freud articula representações infantis de devoração e espancamento é talvez porque

basta escutar a fabulação e as brincadeiras das crianças isoladas ou entre si, entre os dois e os cinco anos, para saber que arrancar a cabeça e furar a barriga são temas tão espontâneos de sua imaginação que a experiência da boneca desmantelada só faz satisfazer (Lacan, 1948/1998a, p. 108).

O brincar da criança traz à tona “imagens de castração, emasculação, mutilação, desmembramento, desagregação, eventração, devoração, explosão do corpo, em suma, as *imagos* que agrupei pessoalmente sob a rubrica, que de fato parece estrutural, de *imagos do corpo despedaçado*” (Lacan, 1948/1998a, p. 108, grifos do autor). Ou seja, o brincar vai operar a subjetivação das representações de despedaçamento corpóreo – o que ocorreria se a criança fosse entregue ao gozo desmedido do Outro.

Assim, como o mais antigo brincar em psicanálise evidencia, o que está em questão no jogo da bobina é a simbolização presença-ausência do Outro, a subjetivação das distâncias. Se o disparador do *fort-da* é a partida da mãe (abandono), o brincar, segundo Freud, permite uma passagem da “passividade” da experiência à “atividade da brincadeira” (Freud, 1920/2006a, p. 143), indicando que ela seria fruto da “pulsão de apoderamento” (*Bemächtigungstrieb*) (1920/2006a, p.142). O abandono nos parece contemplado logo em seguida, no mesmo texto, quando Freud (1920/2006a) rearticula o brincar ao prazer-desprazer como possível vingança da criança: “É, vá embora, eu não preciso de você, eu mesmo te mando embora” (p. 142).

Vale notar que, no desencadeamento schreberiano, as angústias de devoração e abandono se articulam tanto nas imagens de um corpo entregue ao gozo do Outro quanto destituído desse gozo. Segundo a “ordem do mundo”, ele “devia ser transformado em corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão [Flehsig] para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser “**deixado largado**”, e portanto abandonado à putrefação” (Schreber, 1903/1995, p. 56, grifos do autor). Em outra passagem, “era sempre decisiva a ideia de “deixar-me largado”, isto é, abandonar-me, coisa que, na época tratada aqui, se acreditava poder conseguir através da emasculação e do abandono do meu corpo como corpo de uma prostituta do sexo feminino” (Schreber, 1903/1995, pp. 92-93). Lacan (2002), no seminário **As psicoses**, marca justamente a **ambivalência** dessa concepção em que Schreber seria, ao mesmo tempo, um objeto aprisionado no gozo do Outro e destituído desse gozo. Ou seja, em nossos termos, impotente face à devoração e ao abandono. Sigamos, pois, essa longa passagem de Lacan (2002):

Que isso seja no início do delírio, em que se trata da iminência de uma violação, de uma ameaça dirigida contra a sua virilidade, sobre a qual Freud muito insistiu, ou que isso seja no fim, quando se estabelece uma efusão voluptuosa em que Deus é considerado como tendo encontrado a satisfação, [...] é disso que se trata, **o que é mais atroz, é que vão abandoná-lo sem mais nem menos**. [...] No decorrer de todo o delírio schrebianos, a ameaça desse abandonar sem mais nem menos volta como um tema musical, como fio vermelho que se encontra no tema literário ou histórico (pp. 147-148, grifos do autor).

Lacan (2002) situa a ambivalência no fato de o Outro se desmembrar, simultaneamente, na figura de “violadores perseguidores que é preciso evitar custe o que custar” (p. 148), ao mesmo tempo em que dele se precise para a reconstituição delirante. Schreber, assim, é compelido a subjetivar esse Outro devorador, encarnado em um Deus que lhe demanda gozar sem cessar, pois não pode abandoná-lo, sob o risco de afecção corporal. “Cada vez que ele perde o contato com Deus, [...] que se produz a retirada da presença divina, eclodem todas as espécies de fenômenos internos de **dilaceramento**, de dor, diversamente intoleráveis”, afirma Lacan (2002, p. 147, grifo nosso).

À guisa de ilustração, é curioso notar certa impossibilidade da transmissão da inermidade infantil exposta em trabalhos sobre o pai de Schreber. O relato publicado na revista **Scilicet** (1973) nos revela um homem aficionado pela forma e potência do corpo. Assim, o livro **Ginástica de quarto** (Schreber, 1842/1856) é escrito face ao suposto apocalipse corpóreo dos germânicos à época, e a partir dessa constatação atividades físicas, regras rigorosas de disciplina e regime alimentar devem ser aplicados às crianças. Niederland (1979b) sustenta que o método deveria ser aplicado o mais cedo possível – e nunca após os dois anos de idade:

mesmo durante o sono, as costas das crianças deviam ser mantidas em posição absolutamente reta. Não se podia dormir de bruços. O Dr. Schreber havia inventado um sistema complexo de cintos, correias e outros aparelhos de adestramento [...] a fim de garantir esta posição do corpo, seja sentado, caminhando ou dormindo<sup>23</sup> (p. 352, tradução nossa).

Enfim, “a postura, sobretudo, preocupa Schreber [o pai], que associa estreitamente o porte físico à firmeza moral”<sup>24</sup> (Scilicet, 1973, p. 312, tradução nossa). Aos quarenta anos, o impensável da fragilidade do corpo acomete o pai de Schreber após acidente em sua sala de ginástica: uma “grave crise de nervos”<sup>25</sup> (Scilicet, 1973, p. 299, tradução nossa) se desencadeia e perdura vários anos. Niederland (1979a) analisa esse percalço e conclui que os relatos “parecem indicar uma doença mental [*maladie mentale*], ou ao menos uma doença onde os sintomas mentais predominavam”<sup>26</sup> (p. 340, tradução nossa). Toda a escrita do pai de Schreber, e o que ele denominava sua “luta”<sup>27</sup> (Scilicet, 1973, p. 308, tradução nossa), era voltada contra a suposta fragilidade física dos alemães à época. É justamente a tal representação da fragilidade inscrita no real de seu corpo que vem expor sua vulnerabilidade.

Podemos, assim, conjecturar sobre as dificuldades paternas de transmissão dos significantes que pudessem representar a Daniel Paul Schreber, o filho, sua *Hilflosigkeit* original, a debilidade do corpo – são exatamente tais representações que emergem no real quando do desencadeamento: “Poucas pessoas cresceram com princípios

---

<sup>23</sup> N. A. No original: “Même durant le sommeil le dos de l’enfant devait être maintenu dans une position absolument droite. Il ne pouvait dormir qu’allongé sur le dos. Le Dr. Schreber avait inventé un système complexe de ceintures, de courroies et d’autres appareils de redressement du corps [...] afin d’assurer cette position en station assise, pendant la marche et durant le sommeil”.

<sup>24</sup> N. A. No original: “La posture surtout préoccupe Schreber, qui associe étroitement la bonne tenue physique à la droiture morale”.

<sup>25</sup> N. A. No original: “d’un effondrement nerveux grave”.

<sup>26</sup> N. A. No original: “semblent indiquer une maladie mentale, ou au moins une maladie où les symptômes mentaux prédominaient”.

<sup>27</sup> N. A. No original: “lutte”.

morais tão rigorosos como eu”, afirma Schreber (1903/1995, p. 281). O delírio da emasculação, além de pressupor no corpo a castração e “pôr em primeiro plano o fantasma de gravidez e procriação” (Lacan, 2002, p. 189), nos parece justamente vir reter a distância em relação ao Outro – por mais instável que seu estatuto seja. A alteridade divina contrasta com o esfacelamento do Outro quando da crise psicótica: ela ressitua o sujeito em referência a seu gozo e ao gozo do Outro. O delírio inscreve a desmedida do gozo (sexual) do Outro, adiando-o para sempre – gozo infinito, talvez o da devoração, do despedaçamento do corpo, da destruição do sujeito –, assim como a convicção de sua constante presença. Schreber consegue, na sua elaboração delirante, encontrar uma solução, mesmo que passageira, que opera a tessitura da distância ao Outro – seu abandono e sua devoração –, que é indissociável de suas transformações corpóreas e de sua *Hilflosigkeit* original.

## Fechamento

Utilizamos a ideia da “boa distância” de Lévi-Strauss não para propor um inconsistente elogio ao equilíbrio nas relações, que implicaria julgamento de valor do que seria excessivo ou insuficiente. Propomos considerar através da noção de distância, a qual articulamos ao abandono e à devoração, os excessos e as faltas na constituição da subjetividade: “O processo analítico não é apenas construído a partir de excessos que precisam ser interditados ou de faltas que precisam ser restituídas, mas sim que estas duas dimensões não podem ser dissociadas” (Klautau & Souza, 2002, p. 40).

A “boa distância”, como a abertura indica, concerne às operações simbólicas que subjetivam o Outro e o sujeito – sujeito este que é representado sem cessar pelos significantes do Outro. É no tecer dessa singular alteridade do sujeito falante que tentamos articular um par de representações que nos parecem associadas entre si – devoração e abandono – à subjetivação do corpo. Face à *Hilflosigkeit*, oriunda de nossa fragilidade corpórea original, a criança é interpelada, ao mesmo tempo, a submeter-se e tornar-se. Isso implica ser devorada e devorar, ser abandonada e abandonar. Se o nome-do-pai é o significante que opera a balança entre tais representações, sua forclusão vem deflagrar um corpo que, no desencadeamento, se despedaça entre abandono e devoração.

Uma das nossas hipóteses, bastante sumária, é que o Outro, em Lacan, banalizado na figura da mãe, seria devorador por excelência, e uma excessiva relação de devoração poderia engendrar a estruturação de uma psicose. Já em Winnicott, essa consequência seria prioritariamente baseada no abandono – muito embora a desilusão seja também uma operação materna essencial. Por fim, seja na neurose ou na psicose, cada encontro, cada desaparecimento, desatina o fole da distância. Talvez a diferença seja que a tessitura do corpo na neurose se constitua de modo a suportar o eterno brincar de esmagar e inflar com o Outro – sem se despedaçar.

## Referências

- Ferenczi, S. (2011). *A criança mal-acolhida e sua pulsão de morte* (Psicanálise IV). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929).
- Freud, S. (1976a). *Dois histórias clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1909).

- Freud, S. (1976b). *História de uma neurose infantil* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1976c). *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões* (Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 17). (Originalmente publicado em 1919.)
- Freud S. (2004). *Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse (Œuvres complètes de Sigmund Freud, Vol. 19)*. Paris: PUF. (Originalmente publicado em 1933.)
- Freud, S. (2006a). *Além do princípio do prazer* (Escritos sobre a psicologia do inconsciente, Vol. 2: 1915-1920). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (2006b). *Inhibition, symptôme et angoisse (Œuvres complètes de Sigmund Freud, Vol 17)*. Paris: PUF. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (2009). *Totem et tabou (Œuvres complètes – Volume 11)*. Paris: PUF. (Originalmente publicado em 1912.)
- Freud, S. (2010a). *Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia ("O Caso Schreber")* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (2010b). *O inconsciente* (Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Klatau, P., & Souza, O. (2002). Diálogos entre Winnicott e Lacan: do conceito de objeto ao manejo clínico da experiência de sofrimento. *Pulsional*, 164, 35-41.
- Lacan, J. (1986a)...il me faudra ajouter « non ». Conférence de Bruxelles. *Psychoanalyse*, 4, 163-187.
- Lacan, J. (1986b). *Le séminaire, livre 7: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1986c). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan J. (1990). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1991). *Le Séminaire, livre 17: L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a). *A agressividade em psicanálise*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1948.)
- Lacan, J. (1998b). *A situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 461-496). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1998c). *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998d). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998e). *Posição do inconsciente*. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2002). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre 10: L'angoisse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2007). *Le Séminaire, livre 18: D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2010). *Le séminaire, livre 6: Le désir et son interprétation*. Paris: Association Freudienne Internationale.
- Lévi-Strauss, C. (2006). *A Origem dos Modos à Mesa*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Madeira, M. (2015). Tissages psychotiques en transfert. Tese de doutorado não-publicada, Université Paris-Diderot Sorbonne Paris Cité, 435pp.
- Niederland, W. (1979a). Schreber: père et fils. In L. E. P. de Oliveira, *Le cas Schreber* (pp. 330-347). Paris: PUF.
- Niederland, W. (1979b). Le père de Schreber. In L. E. P. de Oliveira, *Le cas Schreber* (pp. 348-355). Paris: PUF.
- Schreber, D. (1856). *Gymnastique de chambre médicale et hygiénique*. Paris: Victor Masson. (Originalmente publicado em 1842).
- Schreber, D. (1995). *Memórias de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Originalmente publicado em 1903).
- Scilicet 4*. (1973). Paris: Editions du Seuil.
- Soler, C. (2008). *L'inconscient à ciel ouvert de la psychose*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- Vanier, A. (2009). À propos de l'objet a. *Figures de la psychanalyse*, 18, 39-48.
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1983a). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 114-127). Porto Alegre: Artmed.

- Winnicott, D. (1983b). Contratransferência. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 145-151). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. (1990). *A natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1994). A Experiência mãe-bebê de mutualidade. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas* (pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. (2000a). Psicose e cuidados maternos. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 305-315) Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (2000b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (2005a). A Agressão. In D. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 93-102). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1939.)
- Winnicott, D. (2005b). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In D. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 111-117). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2005c). A ausência de um sentimento de culpa. In D. Winnicott, *Privação e delinquência* (pp. 119-126). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (2005d). A delinquência como sinal de esperança. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 81-91). São Paulo: Martins Fontes.

Submetido em: 11/03/2013

Revisto em: 30/11/2014

Aceito em: 03/02/2015

### **Endereços para correspondência**

Manoel Madeira  
mlucemadeira@gmail.com

Priscila Pereira Robert  
priscilafpr@gmail.com

Daniel Kupermann  
danielkupermann@gmail.com

I. Docente (Attaché d'enseignement et de la recherche-ATER). Université Paris-Diderot. Paris VII. Paris. França.

II. Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Brasil.

III. Docente. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. Brasil.